

Maria Margarida de Maia Gouveia

Universidade dos Açores

Os Açores sob o “signo atlântico”

porque se nasce numa ilha o mundo é todo ilhas
e a ilha sempre véspera de embarque
assim as coisas são na ilha derradeiras
e no mundo que é ilha as coisas sempre partem

.....
e no mundo que é ilha projectos de viagem
continuamente morrem na movediça areia

Martins Garcia, “Signo Atlântico”

Com este título de “signo atlântico” escreveu Martins Garcia um poema do qual retirámos alguns versos para epígrafe deste trabalho.

“O mundo é todo ilhas” – “porque se nasce numa ilha”: a tal ponto a condição de ilhéu impregna a vida e a visão do mundo. O sujeito desta condição carrega na sua existência uma série de reminiscências, tanto mais fortes quanto mais radicou a sua infância e adolescência na ilha em que nasceu. Esse “transportar” a ilha dentro de si – como de Nemésio disse Ortega y Gasset – é, no entanto, um potencial criativo estético e identitário, para ilhéus e não ilhéus, vivendo dentro ou fora dos Açores.

De resto, numa hipótese de teoria da insularidade, as ilhas podem ser consideradas “seres” geográfica e cartograficamente mitogénicos. São porções de terra carregadas de mistérios orogénicos e mistérios históricos, já que os primeiros se prendem à origem e formação da própria ilha, e

os segundos, aos homens e comunidades que as povoaram. Por isso, até há ilhas ligadas a heróis míticos e a lendas poéticas, como o caso de Ítaca e de Ulisses, de Helena de Tróia, de Dédalo e o labirinto em Creta, de Circe, de Safo, de Ariadne, da camoniana Ilha dos Amores e, por que não dizê-lo, a mítica ilha cuja descoberta o autor de *Mau Tempo no Canal* atribui a Fernão Dulmo. Aos mitos messiânicos se ligam ilhas: o rei Artur em Avalon, D. Sebastião na ilha encoberta, habitando também este rei português a ilha de Lençóis (Maranhão, Brasil).

Ninguém pode negar que as hipóteses sobre a longa existência e o achamento das ilhas açorianas não contribua para as enaltecer e as tornar interessantes no plano da história da cultura. À Madeira também não falta o tom carismático da saborosa lenda de Ana Dorset e Roberto Machin, história ficcionalizada na conhecida “Epanáfora amorosa” de Francisco Manuel de Melo.

Nem todas as ilhas são “iguais” e as ilhas açorianas constituem uma geografia e história próprias, que têm determinado um importante destino histórico e um não menos interessante destino literário. O destino literário das ilhas tem criado, porém, dúvidas, preconceitos, polémicas, que se prendem com questões teóricas de literatura, identidade e nacionalismo. De facto, mais do que as tradicionais variáveis, tais como usos e costumes, traços etnográficos e folclóricos, falares, etc., vem-se impondo uma qualidade de escrita que não se deixa orientar por restrições temáticas, por critérios externos à literatura e móbeis de natureza política ou reivindicativa. “À etnografia o que é da etnografia, à literatura o que é da literatura”, como lembra Martins Garcia ao reflectir sobre a “Actualidade da Literatura Açoriana”.¹

A riqueza experiencial do viver insular, vista de fora pelos de dentro ou vista dentro por quem é de fora (exemplos paradigmáticos de Nemésio e Raul Brandão), suplanta o emaranhado erudito das questões teóricas. Ler *Corsário das Ilhas e As Ilhas Desconhecidas* é ter a certeza de ler dois clássicos. Lá estão história, geografia e o choque psicológico de viver em ilhas; lá está também o mais importante, que é a *boa* qualidade literária.

¹ José Martins Garcia, “Actualidade da Literatura Açoriana”, *Para uma Literatura Açoriana* (Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1987), p.114.

Vitorino Nemésio é um dos mais expressivos casos da relação Ilha/Homem/Cultura, defendendo, intencionalmente – sensatamente –, os que são capazes de criar “impon[do] com talento ou génio os meios sem prestígio que escolheram e as gentes sem nome que adoptaram.”² Foi o que ele fez em *Mau Tempo no Canal*. Margarida Clark Dulmo e o Ti Amaro, trancador de baleias, representam duas classes sociais, mas simbolizam também duas formas de o ilhéu adquirir experiência no mundo. Margarida, já cosmopolita na convivência da Horta, vai alargar horizontes viajando pela Europa, como se subentende, em aberto, no final do romance. O Ti Amaro de Mirateca ganhou experiência nos mares frios do Ártico (o Artic ocean ou Arriôche) e é o exemplo popular ilhéu do velho pensamento português: experiência “é a madre das coisas” (Duarte Pacheco Pereira). “*Pena-se munto nesses mares, mais aprende-se mais que nua iscola*”, sentencia o trancador de baleias.

Mas a Ilha não deixa de ser ainda, para Nemésio, a motivação primeira para peregrinações culturais pelo Brasil, pois, para ele, “toda a nação é sempre a lembrança das empresas em que a história a meteu, e um programa de outras empresas para a frente, – que a história continua e não tem tempo de esperar” – palavras que escreve ao nordestino Lins do Rego, assim fundamentando a urgência de “Uma ‘República das Letras’ para Portugal e Brasil.”³

E como não relevar então a sua genial visão-síntese que consagra reminiscências portuguesas no presente brasileiro: “Portugal desdobrou-se e fez-se ucrónico”⁴ – bem à altura do “histórico peregrino da América” (como ele próprio se define), de um homem que à sensibilidade e emoção soube aliar um vasto lastro cultural. Mas se algumas cidades por onde vai passando dão claro testemunho do papel que a colonização portuguesa assumiu na história brasileira, o passado ilhéu também é revivido a cada passo pelo agora “peregrino ilhéu da América” – outra expressão por ele usada nestas peregrinações por Ouro Preto: “Os sinos

² Vitorino Nemésio, “O problema do romance” (*Diário Popular*, 8 de Maio, 1946).

³ *Ibidem*, “Uma ‘República das Letras’ para Portugal e Brasil” (*Revista do Brasil*, Ano IV, 3ª Fase, 55, 1943), p. 22.

⁴ *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (2ª edição, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000), p. 207.

de Ouro Preto soam com o timbre de menino, do outro lado da vida”⁵ –, viagem à “ilha perdida” ou “ilha ao longe” (a sua ilha mítica), do outro lado do Atlântico. Como “corsário das ilhas”, o reencontro consumir-se-ia *in loco*, também na década de 50, saldando-se porém em desânimo, desilusão, e num forte sentimento de *falta*... (“Falta-me o que sempre me faltou”, confessa ao fechar o “Primeiro Corso”). O que prova que a sedução maior por estes espaços brasileiros é, especificamente, o de dar largas ao seu impulso de homem de cultura. Enquanto regista estas viagens, pode “saltar” para a História, que “enleia e doma irmãos raciais distraídos”, pode peregrinar pelas veredas da cultura e, nessa medida, buscar “correspondências”, vendo um mundo novo que, ao invés de destronar o passado, o sustenta, e a ele – tornado menino aprendiz da História – o reconduz à cultura portuguesa e, ou através dela, à sua Ilha:

Vivo no meio da multidão ilhoa e carioca o cheiro a pano-da-terra e a bufo de foguete de outrora; nos gestos das filhas dos marchantes florescem maneiras de outros tempos. Iraci e Alcirema, na graça e ingenuidade com que seguem os vitelos floridos, lembram-me suas tias insulanas nas vésperas do ‘tirar das feições’ para os passaportes que haviam de garantir ao Brasil estas possíveis mães de brasileiros futuros.⁶

O homologar identidades entre o *cá* e o *lá* é central nesta crónica sobre “O Espírito Santo do Encantado”; e, simultaneamente, este (re)encontro das raízes culturais do Brasil propicia-lhe um catártico retorno à Ilha. Tudo se equaciona entre um “outrora” que se afirma persistente no presente da “multidão”, indistintamente “ilhoa e carioca”; nas “filhas dos marchantes” que, embora tenham nomes brasileiros (Iraci e Alcirema), sustentam a “graça e ingenuidade” que herdaram dos antepassados ilhéus; nas bem vivas memórias de familiares emigrados, que a sua “Bahia postal” traçara, semestre a semestre, pela pena do velho tio José.⁷

⁵ *Ibidem*, p. 163.

⁶ *Ibidem*, pp. 80-81.

⁷ Cf. *ibidem*, p. 94.

Creemos que é este Brasil *in absentia* o que mais peso terá no “âmago do Brasil” nemesiano, nomeadamente nas crónicas (e Nemésio gostava de escrever crónicas...). Não será por isso que confessa:

Terei por ventura casado reminiscências de leitura de uma adolescência impune com a lembrança das cartas do meu tio emigrado na Bahia, quando mandou para a Ilha, a minha avó, saudosa, a sua efigie de índio estilado num carnaval de há quarenta anos? ⁸

Trata-se, pois, de articular marcas presentes nas duas culturas com rastros da persistente ilha arquetípica, ver no presente brasileiro velhas “histórias” ouvidas *em devir*, e fazer destas viagens rotas da História e da cultura pelo literário. “‘Lá’ e ‘cá’ passou a dizer retoricamente ‘os dois lados’ ou ‘as duas margens do Atlântico’ – com o que se exprime uma ambição complexiva do alargamento do velho Ocidente histórico [...]”⁹

Do universo de escritores portugueses também referenciou estas ilhas de forma notável Raul Brandão, que impressionisticamente descreve e poetiza as que para ele eram então *As Ilhas Desconhecidas*. No espírito de Nemésio a ilha funciona como motivador de recordações de infância e de adolescência e universo de leituras culturais que o adulto já sabe fazer; no espírito de Brandão a ilha funciona como motivação estética de um escritor impressionista deslumbrado com as cores e a placidez das ilhas.

É sabido que Brandão fez a viagem “única” aos Açores no verão de 1924, tendo a bordo também o jovem Nemésio, que terá servido de algum modo de cicerone, pelo menos numa perspectiva intelectual... Ao surgir, em 1926, *As Ilhas Desconhecidas* recolhiam as fortes sensações de um pintor de paisagens impressionado com os cambiantes de cores das ilhas atlânticas e a pacatez da sua vida social.

O tempo do tempo até parece diferente para os açorianos. Brandão, um continental em viagem pelos Açores, notou-o ao escrever a célebre reflexão:

⁸ *Ibidem*, p. 107.

⁹ Vitorino Nemésio, *Jornal do Observador* (2ª edição, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999), p. 249.

É aqui que o Tempo assume proporções extraordinárias. Vejo diante de mim a figura monstruosa, que suprimimos da existência fútil, arredando-a e esquecendo-a, o que no Corvo preside a todos os actos da vida. O Corvo não tem peso no mundo, mas nunca senti como aqui a realidade e o peso do Tempo. Sob o seu domínio todos caminham, repetindo os mesmos gestos e as mesmas palavras, e arrastando o mesmo fardo sem levantarem a cabeça nem desatarem aos gritos.¹⁰

A pequena dimensão territorial da ilha do Corvo, o seu afastamento, o seu isolamento, põem o ser humano mais frente a frente com a verdade temporal da existência, com o tempo que flui, com um espaço-tempo onde quase nada acontece. Fora do ritmo de ocupação do viver em grandes cidades, o visitante do Corvo vê-se subitamente a contatos com a natureza, a solidão, com o Tempo. O Tempo torna-se monotonia, peso, *fardo*, que obriga aos *mesmos gestos*, numa rotina esterilizadora. O tempo açoriano ganha, pois, uma dimensão universal que é a do tempo-tempo, peso sobre todos nós onde quer que se esteja. A maior universalidade é a do tempo humano, que é inexorável.

Mas essas ilhas açorianas, distantes e mais isoladas, não lhe dão só a angústia de um tempo insularizado e universal. Pela sua retina desfilam tipos humanos que já conheceu noutras partes, o *dejà-vu* de uma humanidade que se repete, gente anónima que ele viu, seres mortos na sua mocidade que não sabia onde se tinham metido e que agora lhe parecem desterrados nestas ilhas desconhecidas: “Até personagens de romance, até D. Felicidade do Eça aqui habita”¹¹, escreve no capítulo “A Floresta Adormecida”. Como se fosse um depósito do passado e mais um espelho dos seus “fantasmas”. Talvez ainda o medo da morte, a angústia do tempo, o bolor e a humidade de *Húmus*, obra que escrevera anos antes (1918). Por isso se assusta com esta solidão insular: “Uma vida inteira ao pé disto sem se poder fugir senão para a morte!”¹² escreverá neste mesmo capítulo dedicado à ilha das Flores.

¹⁰ Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas* ([1ª edição 1926], Lisboa: Perspectivas & Realidades, s.d.), p. 34.

¹¹ *Ibidem*, p. 55.

¹² *Ibidem*, p.65.

O próprio título impressionista desta crónica sugere uma paragem no tempo que a paisagem florentina inspirou a Brandão. A nosso ver, não se deve deixar de reparar nesta bela metáfora “Floresta Adormecida”, pelo que de poético e impressionista reflecte. “Floresta” é a pujança da ilha; “adormecida” é essa letargia do tempo e das coisas, perpetuada no silêncio e no isolamento:

A maior impressão com que saí destas terras metidas nos vulcões, povoados com a montanha por trás a ameaçá-los de submersão, como uma onda de pedra que vai cair na mudez, foi o medo ao isolamento: sente-se a gente perdida e só para todo o sempre, com o mesmo panorama restrito diante dos olhos. Uma vida inteira ao pé disto sem se poder fugir senão para a morte! Uma vida, outra vida, outra geração sem aventuras nem sonhos.¹³

É ainda Brandão quem escreve: “Isto é imenso e despovoado, é misterioso. E o silêncio pesa, [...] sob o côncavo mudo do céu.”¹⁴

Fazendo a ponte entre o Brandão das *Ilhas Desconhecidas* e Roberto de Mesquita de *Almas Cativas*, apetece lembrar Nemésio quando diz deste último: “*Almas Cativas* significam: coisas e pessoas doridas na penumbra, prisioneiras da ilha geográfica e da ilha que está em todo o homem, que configura todo o homem”¹⁵, assim sublinhando uma vez mais que o importante em Mesquita é a sublimação da insularidade, a capacidade de um *poeta de uma ilha* ascender a *poeta-ilha* –, ou seja, voz de “alguma coisa de essencial na condição humana.”¹⁶

Na sua pequenez territorial, as Flores deram para inspirar poetas de *fora* (Brandão) e de *dentro* (Mesquita), que lhe adivinham uma imensidão espiritual. Caso particular, Roberto de Mesquita compraz-se no isolamento, comungando com a *alma* das coisas, de quem talvez se pudesse dizer, adaptando o verso de Martins Garcia, “por que se nasce numa ilha” o mundo é só essa ilha, isto é, o universo ressoa todo na *sua* ilha.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia* (2ª edição, Lisboa: Verbo, 1970), p. 138.

¹⁶ *Ibidem*, p. 149.

Não foram os grandes exilados românticos também gente de dentro que foi fora renovar a sua visão do país, vê-lo por outros olhos? Se não saíram de uma ilha geográfica, como Nemésio e os emigrantes insulares, saíram sob o signo não de uma necessidade social e de uma aspiração a um mundo melhor, mas sob o látego da necessidade política. Acasos de atlanticidade, Garrett e Herculano vieram também a passar por estas ilhas, por estes *rochedos da salvação*, que marcaram a História de Portugal, neste caso do Liberalismo e do Romantismo, com experiências de vida insular.

Uma outra forma de vivência importa, porém, registrar. José Martins Garcia – um de dentro, pensando *dentro*, depois de ter estado fora – com uma experiência de emigrante como professor na Universidade de Brown, faz pertinentes considerações acerca do “sentimento de perdição da ilha”, no já citado texto “Actualidade da literatura açoriana”, considerando manifestação desta perdição aquilo “a que se chama correntemente diáspora.”¹⁷

E Maria de Lourdes Belchior, professora de Martins Garcia e a mais velha discípula de Nemésio, afirmou que “Os Açores sem emigração não seriam os Açores.”¹⁸ Aos versos emblemáticos de Pedro da Silveira

[...] E um barco na distância:
Olhos de fome a adivinhar-lhe, à proa,
Califórnia perdidas de abundância¹⁹

se poderiam acrescentar referências aos “Brasis distantes” que sugaram tantas correntes emigratórias açorianas.

A descendência açoriana no sul do Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) também promoveu os ilhéus e as ilhas por via literária. Falamos agora de uma presença antropológica açoriana no Brasil, mas que também pode não deixar de traduzir um sentimento de filiação, que até faz falar de ilhas que se não conheceram, como é o caso do escritor brasileiro Luís António Assis Brasil. Este, antes de conhecer ao vivo

¹⁷ *Op. cit.*, p. 115.

¹⁸ *Ibidem*, p.116.

¹⁹ Pedro da Silveira, *A Ilha e o Mundo* (Lisboa: Centro Bibliográfico, 1952), p. 17.

os Açores, já escrevera *Um Quarto de Légua em Quadro* (hoje já em 6ª edição), a saga da expedição que parte dessas ilhas e que o narrador ainda só adivinha. Impossível desvincular-se do drama que envolveu a ida de colonos açorianos para o Brasil, revelando um conhecimento profundo de fontes sustentado por um compulsivo desejo de resgatar o papel da História.

O quadro que nos é dado observar do início da viagem logo se transfigura numa cena fantasmagórica de um sonho. Os colonos açorianos vivem num tempo de duração indeterminável, num espaço em que a negatividade domina, “emparedados uns contra os outros, gemendo as mesmas dores, curtindo os mesmos desesperos, ansiando as mesmas ténues esperanças.”²⁰ A negatividade não está, porém, na natureza da própria personagem. Por isso, réstias de esfumada esperança teimam em não desaparecer, e o “Brasil, sim, o Brasil, isto é que lhe importa, com suas terras verdes, amplas, virgem de seio aberto à cobiça universal.”²¹ Até a personagem D. Pedro Luiz de Souza parece vergar-se ao peso de um destino hostil, terrível, corporizando de forma paradigmática a absurdidade do sonho, porque também ele tem de partir, qual anterioro paladino do ideal de justiça social: “Vejam meu estado: nada possuo de meu, enquanto o mano, refestelado em sua quinta, não consegue alcançar os limites da propriedade. É muito injusto.”²² Esta personagem talvez já não seja apenas uma personagem da trama narrativa, mas quem, pelo seu *status* social de nobreza, melhor pode expressar como custam cumprir-se os sonhos mais elementares do homem. Recorde-se um diálogo que mantém com o doutor Gaspar:

– E comentam que não haverá terra para todos. Que o coronel Manuel Escudeiro, no Desterro, é desumano, são poucos os que recebem o que foi prometido no edital do rei. Se for verdade... ai, nem quero ver!

Achei-me na conversa.

– E prometeram muita coisa, não foi?

²⁰ Luis António Assis Brasil, *Um Quarto de Légua em Quadro* (6ª edição, Lisboa: Direcção Regional das Comunidades/Editora Movimento, 2005), p. 26

²¹ *Ibidem*.

²² *Ibidem*, p. 21.

– Muita, muita coisa! A começar pela terra, um quarto de légua em quadro. Dois alqueires de semente, duas vacas, farinha para o sustento, ferramentas, espingarda – todo o necessário. E a nossa gente espera tudo isso, sonha com tanta riqueza.

– Tal como o senhor?

Baixou os olhos pestanudos.

– Também.²³

É evidente que sabe, no mais íntimo de si, que as adversidades o esperam. Mais: revela-se voz de um sonho que lhe devolve a imagem de um passado de derrota, dele e de todos os outros, afinal, eco de uma *utopia* que, exactamente por o ser, alimenta a partida e, à partida, acaba anulando este mesmo sonho: “Verdadeiramente é isso que vivemos!” – desabafa “com um gesto indolente” e “esgaze[ando] um riso desalentado”²⁴, após ler o título de um dos muitos livros do médico, que era exactamente a célebre obra de More.

É na boca do narrador, doutor Gaspar, que, mais uma vez, é posta a interrogação dos que irremissivelmente partem, questionando-se ou questionando a esperança:

Realmente, todos esperam. Estamos vivendo “entre, perdidos no meio de um oceano que não é só de águas, mas também de dúvidas, de perguntas, de longas indagações. Os olhos cismam, estendendo-se pela amplidão sonolenta. Tem-se a impressão de que nunca se vai chegar. Capitão Eleutério, com seu medo de Escudeiro, com seu medo das mortes com o seu profundo e inseparável medo, não serve para encorajar ninguém.”²⁵

Se da narrativa passarmos para a poesia, latências da ilha consubstanciam-se no “acontecer” *ser ilha* – e a ilha que nunca poderia ter existido existe, e o próprio eu poético também existe configurado num ser insulado. A ilha regressa sempre, não sendo o seu regresso a recuperação de uma vida que tivesse havido, será sempre a vida

²³ *Ibidem*, p. 23.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, p. 24.

que ainda poderá haver, a vitória do possível sonhado. Lina Tâmega Peixoto, que recentemente editou *Dialeto do Corpo* (2005), refere o seu sangue descendente do Pico, não ignorando a realidade de tais latências, porque assim encontra uma outra forma de sugerir – subtilmente, complexamente – um possível encontro nos contínuos desencontros ou “solidões” do quotidiano (“Não sei mais por quem chamei:/ amigo, coisa, amor? / Não há resposta.”)²⁶ Evocar o passado ilhéu, mais do que ideal a ser cultivado, resulta de uma idealização que se percebe ter de ser assumida porque “herança”, ou “espessa lembrança/ de um barco que viajava/preso ao horizonte.”²⁷ E assim escreve sob um *estado insulado* (“Não mais à deriva./ Âncoras jogadas em mim”, *ibidem*), garante de um flutuante encanto-desencanto, que “claroescurece o corpo sobredivino/ e enfaixa o efêmero com lâminas de fogo.”²⁸

Como se vê, o fulgor da ilha até pode ser maior quando se vive fora dela, mas a ela pertencem as nossas raízes. Mas cremos que, no quadro de poetas brasileiros com antepassados açorianos, Cecília Meireles será porventura quem exprimiu, com insuperável autenticidade e integridade, a ilha como metáfora de carências incomunicáveis, espaço “do que não vai acontecer, ou do que demora.”²⁹ Foi o paradigma de ilha que lhe sugeriu a “Ilha do Nanja”, espaço descrito referencialmente e alçado à abstracção de mito e poesia das origens, num processo inverso a um esvaziamento da realidade, que a designação – Nanja – eventualmente poderia sugerir. Por isso, “é muito difícil explicá-la, pois certamente ela é o que não é; sua beleza não está no que se vê, nem sua riqueza depende do que suas terras e águas possam produzir.”³⁰

Por momentos ela regressara à sua Ítaca, por momentos este périplo ulissiano pagou o seu tributo à avó – e a ela própria... Nem sequer lhe passou despercebido o valor simbólico do herói de Homero, pois que

²⁶ Lina Tâmega Peixoto, *Dialeto do Corpo* (Cataguases (MG): Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2005), p. 60.

²⁷ *Ibidem*, p. 32.

²⁸ *Ibidem*, p. 66.

²⁹ Cecília Meireles, *Ilusões do Mundo* (2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982), p. 109.

³⁰ *Ibidem*, p. 108.

até se lembrou de o referir quando, embelezando miticamente as ilhas atlânticas, fala de sereias nas suas praias, de misteriosas embarcações, “às quais talvez não fosse estranho o próprio Ulisses”:

Falaram-me de descobrimentos, de donatários, de povoadores; contaram-me velhos assombros: houve tempo em que pelas suas praias apareciam sereias cantoras, enquanto, em volta dela, passeavam misteriosas embarcações, às quais não fosse estranho o próprio Ulisses.³¹

Se é possível ler uma recuperação literária de Ulisses no âmbito de conquistador de cidades, experiência que também é dela própria (“A Ilha, porém, é totalmente minha, por um direito mais decisivo e profundo que o das formas jurídicas”)³², não será difícil vislumbrar ecos de um Ulisses corajoso na adversidade, em implícita cumplicidade com a autora de *Mar Absoluto*: na vida de errâncias, de aventuras, na atitude de determinação inflexível (“A minha Ilha, naquele oceano!”) e, arriscaríamos mesmo acrescentar, no “desejo omnímodo de tornar a casa.” Nos dois casos, regresso “eternamente desejado – e eternamente adiado”, como disse do primeiro João Medina,³³ embora o regresso de Cecília não tenha traço de definitivo.

Com efeito, só em 1951 decide vir aos Açores, aqui permanecendo apenas três dias. Deve notar-se, porém, que o mais importante é ela própria confessar ser esta primeira vinda “como um regresso”, regresso de “uma criança antiga que a poesia de S. Miguel nutriu, numa infância de sonho [...]”³⁴

Cecília Meireles não tem um passado açoriano vivido. O seu esforço de intuir as raízes é puro acto de vontade e preito de homenagem à avó que tanto amara; a sua insularidade é criada no seu espírito, ela que já de si era uma ilha, no meio da incompreensão que a rodeava e de que

³¹ *Ibidem.*

³² *Ibidem.*

³³ João Medina, *Ulisses o Europeu* (Lisboa: Livros Horizonte, 2000), p. 29.

³⁴ Palavras proferidas à chegada a Santa Maria (Açores), a 23 de Novembro de 1951, Francisco Cunha Leão e David Mourão-Ferreira (ed.), *Cecília Meireles – Antologia Poética* (Lisboa: Moraes Editora, 1968), p. 178.

apenas se queixa serenamente.³⁵ Talvez por isso possamos dizer que presta um grande serviço à Literatura em Língua Portuguesa e à cultura açoriana, na medida em que não só é mais um exemplo da dispersão de um povo, mas também do seu desejo de unidade e amor às origens.

Autores separados no espaço e no tempo unem-se, porém, sob o "Signo Atlântico". A percepção de ilha pode cristalizar literariamente em memórias de infância e de adolescência, em projectos de viagem, em viagens históricas (reconstituições imaginadas) ou viagens míticas, em apelos culturais.

O "signo atlântico" fundamenta assim diversidades de experiência e de criação literária, como se a ilha acompanhasse por toda a parte o sujeito do trabalho intelectual e se projectasse, descarada ou subrepticamente, em tudo o que faz: "porque [...] o mundo é todo ilhas."

³⁵ Mario Tomé, em *La Isla: Utopía, Inconsciente y Aventura. Hermenéutica Simbólica de un Tema Literario*, adverte que "Las circunstancias especiales que rodean a este espacio geográfico, le han convertido en un símbolo de ilimitadas posibilidades. Todo es posible en una isla, y más aún para la imaginación de un creador. Quizás en su faceta de "microcosmos" resida su gran poder evocador y sugestivo, así como el éxito de que ha gozado a lo largo de siglos. En la contemplación de un "mundo en pequeño", el hombre ha podido concretar, a la vez que proyectar, ese conjunto de deseos, sueños e ideales que le definen." (León: Universidad, Servicio de Publicaciones, 1987, p. 107).